

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros.....	2\$500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	1\$300
Trimestre ou 13.....	700
Avulso.....	60

— ANNO I—2 DE SETEMBRO DE 1881—N.º 33 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 33, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros.....	7\$000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	3\$500
Trimestre ou 13.....	2\$000
Avulso.....	200

SUMMARY

TEXTOS:—Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; O bom Deus de Chemillé, por Alphonse Daudet; Spleen, por Mariano Pina; O domingo historico, por A. O.; Atravez da Siberia, por Victor Tiasot e Constant Améro.

ACTUALIDADES

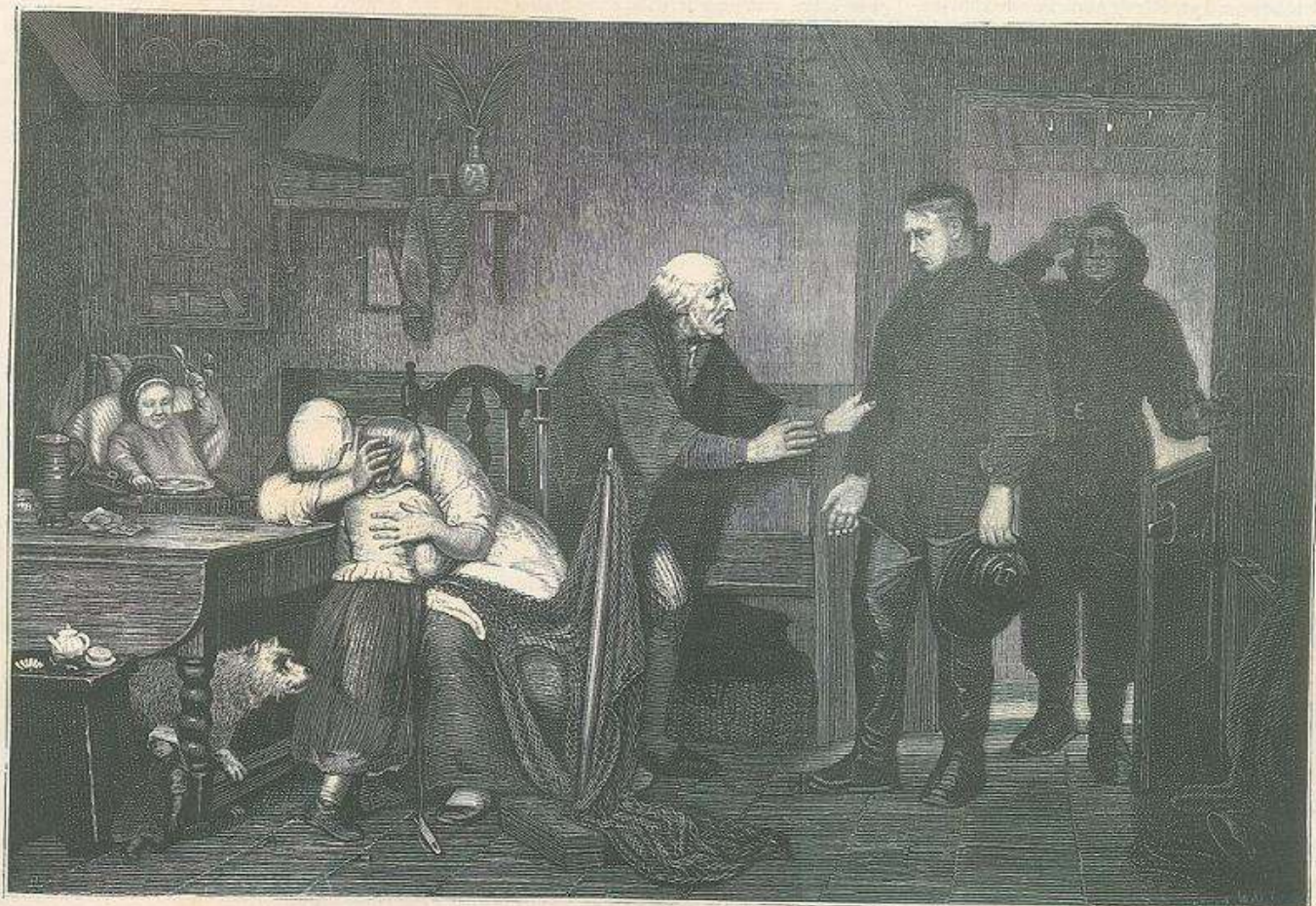
A Mascotte!

Ainda que eu quizesse não podia deixar de te fallar n'ella. Regresso n'este momento do espectáculo. São

mente a sua fina e bem contornada perna calçada n'um maillot cõr de perola, e fazendo tremular no gorro a pluma branca e palpitante, oiço adejarem em volta de mim com fremitos de azas invisiveis os motivos travessos e maliciosos da musica de Audran, tão fran-

gante boceta da Trindade e portanto não sabes uma palavra da *Mascotte*, nem mesmo o que quer dizer *Mascotte*.

Como o *successo* que a opereta alcançou trará como resultado inevitavel a introdução d'esta palavra



FATAL NOTICIA.

quasi duas horas. E, curvo sobre estas folhas implacaveis de papel branco que hei-de amanhã entregar fatalmente ao typographo, sinto bailar-me no cerebro todo o enredo da encantadora opera comica, vejo marcharem sob a minha meza os bandos dos camponeses, os grupos dos cortezaõs e das damas da corte, os esquadrões dos pagens pequeninos, vestindo setins e velludos de côres que cantam, lançando arrogante-

ceza, tão provocante, tão espumosa, uma verdadeira musica de marca Clicquot.

Bem vês que não tenho outro remedio senão fallar-te d'estas bellas visões, tanto mais que venho realmente encantado!

Eu parto, já se sabe, do principio de que tu, leitor amigo, não foste dos 1.200 felizes que hontem á noite acharam lugar dentro d'aquella doirada e ele-

no vocabulario da lingua, será bom dizer-te duas palavras sobre o que vem a ser uma *Mascotte*.

Has de saber que o lavrador Crispim tem uma macaca.

Isto é, um azar, uma infelicidade que o fila como um *bull-dog*. Corre-lhe tudo mal, perde a colheita, morre-lhe o gado, quer comprar um feto e o alfaiate recusa-se a dar-lh'o sem que elle o pague, etc.

Esta ultima desgraça parece particularmente affligil-o.

Crispim além da macaca tem um irmão cujo nome de Felizardo diz mais sobre S. Mercê do que todo um volume de 300 pag. Esse, vae-lhe tudo em maré de rosas e fôrma um contraste vivo com o tumba do senhor seu mano. Crispim, quando se vê em apuros, escreve-lhe a pedir-lhe soccorro. Felizardo manda-lhe invariavelmente em resposta um cestinho com ovos e uma carta cheia de conselhos.

Vem um dia em que o pobre do Crispim encontra accentos de tanta magua que chega a commover o fono do irmão, o qual, n'uma epistola, lhe annuncia que vae enviar-lhe Flôr de Abril para o soccorrer. Quem vem a ser Flôr de Abril?

Ella propria se encarrega de nol' o dizer. É uma forte e bella rapariga, capaz de defender a sua virtude por todos os meios, *inclusivé* o sócco, segundo o prova em scena, e que se entrega á respeitavel profissão de guardar perús. Mas de que serve Flôr de Abril a Crispim? E que intenção teve Felizardo em lh'a enviar, augmentando-lhe as despesas já avultadas da casa, com o alimento de mais uma bôcca, cujos beiços vermelhos e cujos dentes brancos e agudos accusam um appetite!...

Quem fica a pular de contente é o tolo do André, pastor ao serviço de Crispim, rapaz perito em danças, que bebe os ares por Flôr de Abril. Flôr de Abril também digna-se dar-lhe de olho, como é de uso em todas as operas comicas. Pouco depois da nova installação da guardadora de perús ouvem-se sons de trompa e um pagem vem annunciar que o principe Simão XL, e sua côrte, andando á caça, tinham deliberado repousar n'aquella herdade.

Effectivamente uma marcha faz ouvir os seus compassos marciaes e a côrte do rei Simão entra em scena. Primeiro vêm as damas de honor, vestidas de amazonas, brandindo os seus chicotes. Em seguida entra a filha do principe Simão, e o seu noivo, depois os cortezaes, finalmente o soberano.

Quando o vi surgir no palco soltei um grito de alegria. Cá o tinha outra vez, o meu querido rei de opereta e de magica. Que saudades! Era elle, o proprio, o eterno Bobeche, com a sua bella cabeça de papalvo sobre a qual elle usa a corôa á banda, as pernas cambaleantes como convém a um despota que se pressa, trazendo o sceptro como quem traz um chapéo de chuva, fazendo calembourgs e permitindo que entre o seu regio ventre e o dos seus subditos se estabeleça uma troca permanente de pançadas democraticas! Ah! bello homem! Ah! odioso tyranno que mandas sempre enforcar tres ou quatro personagens por acto, os quaes apparecem todos depois, no fim, de perfeita saude e mais gordos, não podes imaginar o jubilo com que te vi outra vez tomar posse dos teus dominios tu, que ha tanto tempo andavas expulso da opereta por não sei que estranha e indesculpavel injustiça!

O principe Simão começa logo por declarar que também tem a macaca. Coisa em que se metta, fallou logo. Se vae á guerra, apanha para o seu tabaco, se se vae a sentar n'uma cadeira, dá um trambulhão em que os costados regios não são poupados. Se vae a beber uma chavena de leite, cae-lhe dentro um beoiro: o unico da estação, um que ficára do anno passado só para lhe pregar aquella pirraça!

A filha de Simão, cujo noivo é o allenim mais ridiculo que imaginar se pode, fica fascinada ao ver as formas athleticas de André. É uma rapariga practica que ama os homens musculosos e de appetite robusto. Os seus olhares atraçoaam-n'a e Flor de Abril fica como uma verdadeira bicha assim que os descobre.

A respeito d'isto, tem mesmo uma explicação com o pastor, a qual degenera n'uma ternura que mestre Crispim vem interromper muito a tempo, intimando á rapariga a que se ponha quanto antes no meio da rua. Esta desata n'um berreiro e diz-lhe que ao menos quer levar ao irmão, ao Felizardo, uma resposta á carta que d'elle trouxe e que, no affan de receber o principe, Crispim se esqueceu de ler.

A carta diz simplesmente que Flôr de Abril é nem mais nem menos do que uma *Mascotte*.

Ora André já cantou, com muita graça mas com detestavel voz, a lenda da *Mascotte*. *Mascotte* é um quebra enguigos, é o contrario do *jettatore*, finalmente é a pessoa cuja influencia faz cessar os maus olhados e substituir pela prosperidade o azar. A Flôr de Abril é que Felizardo devera toda a sua fortuna e por isso a envia ao seu irmão enguiçado, Crispim fica boqueaberto!

Já se sabe que Flôr de Abril já não vae para o meio da rua e é installada como uma princeza em casa do velho, com optimo ordenado, e com o serviço de não fazer nada. Um quarto de hora depois já a sua influencia se observa. Um rebanho que se perdera, acha-se, Crispim recebe a noticia de haver ganho a sua demanda, o alfaiate vem trazer-lhe o fato sem querer dinheiro; enfim o demonio!

O principe Simão, que não tem *Mascotte*, debruça-se sobre uma pipa de vinho e cae dentro. Como não tem roupa para mudar manda-a pedir a Crispim. Este, pessoa economica, despe o casaco velho e manda-lh'o, vestindo depois o novo. Mas dentro d'um bolso, vae a carta de Felizardo e o meu amigo Simão apparece d'ali a nada, com a carta na mão, a querer a *Mascotte* para si.

— Mas isso é uma tyrannia! brada o Crispim.

— É, responde innocentemente Simão XL.

— É um ataque á propriedade.

— É.

— É uma extorsão odiosa!

— É, continua Simão.

E depois com um sorriso:

— Pois se não fosse para fazer tyrannias e extorsões, de que me servia a mim ser principe?

Crispim não tem remedio senão ceder e troca *Mascotte* por muitos empregos reindos na côrte.

Mas uma nova difficuldade surge. O tratado das *Mascottes*, depois de declarar que a *Mascotteria* é hereditaria nas familias, — coisa d'importancia para a peça, — affiança que perderá o condão de *Mascotte* todo o individuo, macho ou fema, que perder... a sua aureola de castidade.

Esta é que é mais seria. O André tornava-se temivel. Era necessario separal-os quanto antes. É o que se faz com a velocidade usada em operetas e Flôr de Abril, erguida á cathogoria de condessa de Panadã, é conduzida a côrte de Piombino, onde reina Simão, não sem ter jurado a André amor eterno.

Vamos encontrar Flôr de Abril no segundo acto, já na corte. Simão XL e Crispim teem um trabalhão dos demonios para a guardar porque anda tudo doido por ella. Flôr de Abril pelo seu lado não pode parar com saudades de André e da vida do campo. Sabe-se que André já tentou por duas vezes introduzir-se no palacio, sendo repellido a pau.

Nesse dia realisa-se o casamento da filha de Simão com o tal principe allenim. Ha festa e Saltarello, o grande dançarino da moda, é convidado. Saltarello, já se sabe, é André disfarçado, fazendo valer os seus dotes coreographicos. Saltarello assim que se apanha na côrte, combina logo com Flôr de Abril o meio de se safarem, mas Crispim ouve a conversa e vae mettel-a no bico ao Simão. Simão manda pren-

der Saltarello e condemna-o á forca. Lamentavel situação!

A filha de Simão, cujo nome me não occorre mas que pode muito bem chamar-se Dorothea, manda affastar os guardas e declara a André a sua antiga chamma. André, que está furo porque o allenim lhe disse que Flôr de Abril estava na corte a titulo de amante do monarcha, presta-se ao jogo, e declara que está prompto a casar com ella. O principe, que assegura por aquella forma a innocencia de Flôr de Abril, dá-lhe a filha em casamento. Mas, n'isto, volta Flôr de Abril furiosa, tem com a princeza uma scena de pugilato, em que perde a vida o chinó do principe, declara que se quer vingar, e que para isso vae casar-se, seja lá com quem for.

Confusione! Crispim offerece-se para casar com ella, assegurando a Simão que a respeitará. Mas Simão, que é macaco velho, diz-lhe: — Não, lá n'isso meu amigo, não me fio senão em mim proprio. Eu é que vou casar com ella.

Flôr de Abril accieita logo, para se vingar da rival e do noivo infiel. N'isto apparece o allenim que quer a sua noiva. Mas a noiva, vae casar com André e, como o recebem á gargalhada, o allenim protesta logo alli que o papá em sabendo de tal, declara logo a guerra ao Simão. Mas Simão que tem a *Mascotte*, já não receia campanhas e sente-se um verdadeiro raio de guerra. Portanto responde logo:

— Pois que declare a guerra e que me deixe em paz.

Chega a corte e entra André e a princeza, e logo depois Simão e Flôr de Abril. Flôr de Abril e André assim que se avistam, passam logo a explicações, reconhecem a sua mutua innocencia e já não querem pensar mais nos taes casamentos. Flôr de Abril insulta Simão, dizendo-lhe coisas duras. André repelle Dorothea. Escandalo medonho! Bulha formidavel! bofetada bravia! Finalmente, depois de muito pontapé generosamente distribuido Flôr de Abril e André fogem da corte. Cae o panno sobre os desmaios das damas de honor, da princeza e do allenim que apanhou uma sova monumental.

O pae do allenim, que só agora nos lembrou chamar-se Benjamim, nome que lhe vae a matar, declarou a guerra a Simão XL por causa da ruptura do casamento, e é no acampamento d'aquelle outro raio de guerra que nós vamos encontrar Flor de Abril, André e o allenim Benjamim. A campanha toca o seu termo e foi desastrosa para Simão. A *Mascotte* pozera ao serviço do inimigo o seu condão invencivel. Simão, a princeza e Crispim andam a monte, depois da ultima derrota e veem dar, disfarçados em saltimbancos, ao campo do adversario victorioso. Corre o exercito uma canção em que o monarcha n.º 40 é apupado e em que lhe chamam *macacão* e outras feias coisas. Para manter o incognito, a filha de Simão vê-se obrigada a cantal-a deante da tropa. Humilhação suprema.

Encontro com a *Mascotte* e André que acabam de casar.

Crispim revela a André as qualidades maravilhosas da sua esposa e o risco imminente que ella corre de as perder, se acaso o casamento passar alem da cerimonia. André fica embasbacado e declara que no instante terrivel não terá forças para resistir. Crispim tranqullisa-o. Elle presenciará occulto a scena e, quando o vir terno, tocar-lhe-ha n'um clarinete a lenda da *Mascotte* que o deve chamar á situação.

Mas o monarcha n.º 40 que anda morto por fazer perder a *Mascotte* o seu feitiço, visto que ella agora pertence ao seu inimigo, mune-se d'uma gaita de

folles e, quando se dá o encontro dos noivos á porta do quarto nupcial, gaitea-lhe uma melodia amorosa que elles cantavam outr'ora em duo. Pela sua parte o clarinete não faz senão gritar:

*Feliz a quem, dos ceus por dote
Tiver Mascote-o-o-o-le.*

André, entre a gaita de folles e o clarinete, hesita como um verdadeiro noivo de Buridan. Isto dá lugar aos mais comicos effeitos. Afinal a gaita estoira e Flor de Abril desesperada fecha-se á chave no seu quarto, que é um *rez-de-chaussée*.

Simão então diz qualquer coisa em segredo ao ouvido de André e sahem ambos a correr. A scena enche-se de soldados e de povo. Onde está Flor de Abril? onde está André?

O velho macaco do Simão é que se encarrega de responder, apontando a porta do quarto nupcial que se abre, deixando ver no limiar André triumphante, agitando o ramo de flor de laranjeiras que ha pouco tornava ainda mais volumoso o *corsage* da Flor de Abril. Está apparece tambem um pouco envergonhada, como é bonito. Foi-se o condão! Flor de Abril deixou de ser *Mascotte*.

A meada desembulha-se. A princeza casa com o alfenim, Simão é restituído aos seus dominios, e como a *Mascotteria* é hereditaria, segundo diz o tratado, é de esperar que d'ahi a alguns mezes appareça para substituir Flor de Abril alguma nova *Mascotte* — ou mesmo duas.

O quê? pois é isto? exclama o leitor.

É, sim, com a differença essencial de que em vez de ser contado por mim, é cantado e representado pelos valentes artistas da Trindade, que vão superiores a todo o elogio, e traduzido por Eduardo Garrido a quem o publico fez uma ovação. Bem vêem que o que lhes parece pallido e chôcho atravez da minha prosa pôde muito bem ser encantador atravez... atravez de quê? Atravez de coisa nenhuma. Quem quizer que desembulhe a phrase que eu não tenho tempo.

IRIEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

FATAL NOTICIA. — Ha um contosinho encantador de Alphonse Daudet, intitulado o *Primeiro telegramma*, que tem um assumpto um pouco semelhante ao d'esta gravura. É noite, o pai e o filho estão á meza, o pae silencioso e triste, porque tem um outro filho doente e longe, o pequeno brincando com as colheres de chá, equilibrando-as no bordo das chavenas. Batem á porta, o pequeno corre a abrir. Na escuridão da escada divisa-se apenas vagamente um boné de uniforme. «Um telegramma» diz uma voz rouca, e o pequeno todo contente por ter visto uma especie de militar que desceu logo precepidamente os degraus, para levar na mão esse estranho sobrescripto de côr, em que se encerra um papel de seda, corre a dizer, satisfeitiŝimo por pronunciar ja bem essa palavra difficil. Um telegramma! Um telegramma! E d'ahi a pouco o pai, que abriu o sobrescripto com mão tremula e febril, chora com a cabeça encostada ao braço, e o pequeno a brincar machinalmente com o sobrescripto rasgado, encara-o com uns grandes olhos pasmados e tristes... e nunca mais, nunca mais, no decurso da sua vida, ouviu estas duas palavras «um telegramma», sem sentir bater-lhe o coração ancioso,

sem tornar a ver aquella scena lugubre, a escada escura e silenciosa, esse homem de uniforme sumido na penumbra, esse largo sobrescripto amarello, e o vulto de seu pae a chorar encostado á meza.

O admiravel quadro que a nossa gravura representa lembra um pouco este formoso conto, não lembra? Não ha o boletineiro impassivel, ha pelo contrario duas boas e sympathicas physionomias, que se envolvem n'um veu de tristeza, ao terem de dar essa noticia dolorosa. O raio já fulminou a esposa soluçante, que se abraça á pequena n'uma convulsão suprema de angustia e de choro, o pai ainda hesita, ainda duvida talvez e ao canto da meza a creancinha alegre, que ainda não sabe o que significam estas lugubres palavras de morte, e de orphanidade, brinca, satisfeita e risonha, sem perceber que a nota jovial da sua voz tem echos mais dolorosos ainda do que a voz do portador da fatal noticia no coração atribulado de sua pobre mãe.

A FELICIDADE DA JOVEN MÃE. — Não tem uma nuvem o ceu azul d'aquella existencia. É nova, é elegante, é rica e é formosa. Casou decerto com um homem que a adora, e que lhe agrada. Teve um casamento luxuoso, uma *toilette* formosissima, a igreja cheir da primeira aristocracia. Voltou para casa feliz, radiosa, n'uma commoda carruagem, dançou alegremente no seu baile de casamento, a sua felicidade, o seu amor são acalentados pelos ricos estoŝos, pelas folhagens decorativas, pelos perfumes inebriantes, pela suavissima luz que opalisan os globos de cristal. Depois um dia, quando voltava da Opera bem aconchegada no seu *burnous*, na sua pelissa, sentiu uma leve agonia, um desejo de subito de chorar sem motivo, de chorar e de rir, ao sentir nas entranhas um singular estremecimento. E aqui principia a gentil senhora a abandonar os bailes, a vestir as roupas largas, mas elegantissimas, a viver atarefada no meio de uma nuvem de rendas, um monte de finissimas cambraias, de frescos linhos, um novo encanto, uma nova elegancia. E um dia compra com duas horas de terriveis dores uma felicidade infinita. Assume o seu rosto entre os folhos uma pallidez suave de inefavel doçura, e ha já no quarto, uma nova cabecinha loira, que dá mais um encanto, mais um toque divino á formosura e á elegancia da joven mãe. E um dia enfim, n'uma sala luxuosa, entre os moveis de Fourdinois, e os veludos e os damascos, vestida elegantemente para as recepções da manhã, recebendo m'um instante a creança gentil dos braços da criada, a criança adoravel, correcta, com uma cabeça frisada, como um *bambino* de Raphael, ergue-a nos braços, radiosa, alegre, orgulhosa de si e d'ella!

Não sabemos se se pode chamar a este quadro a *felicidade de ser mãe*, talvez antes o *prazer de ser mãe*. A felicidade não se compra tão barata, não é tão facil e tão simples.

O COELHO NA PAREDE. — Sombrinhas! a aŝlegria da rapaziada! É um serão de familia! O pae, com os seus dedos habéis, enginha na parede uma cabeça de coelho, e o pequeno applaude a phantastica figura! O coelho abre a boca, rumina, abana as orelhas, faz mil trejeitos, graças ao movimento rapido dos dedos artisticamente combinados com a projecção da luz. E logo virá o *cysne* que se arranja com o braço todo recurvado, o homem de chapéu desabado, o burro de grandes orelhas, que zurra: silenciosamente, se é permittida a phrase, n'essa parede caida, que assim se transforma, para essa familia alegre, n'uma lanterna magica barata e casseira com que os pequenos se divertem mais do que se fossem

á feira, ao cosmorama, á barraca dos animaes em movimento. É a extrema democratização da sciencia, é a physica recreativa nos seus elementos mais simples, traduzida por esse honrado pae de familia *ad usum delphini*, quer dizer para um dos seus delphins estremecidos, que enchem de riso, e de borborinho os ceus, applaudindo cada nova exhibição do talento paternal nas figuras phantasticas que se vão desenhando em silhouette no fundo branco da parede.

VISTA DE LEUWARDEN (Hollanda). — A cidade de Leuwarden, está situada na provincia de Frisia, no meio de um paiz fertil, e de campinas ricas. A sua população é de cerca de vinte e cinco mil almas. Tem muitos estaleiros de construção de navios, fabricas de tabacos, etc. Os monumentos mais notaveis são, o Paço, que se chamava outr'ora o palacio dos Stadhouders de Frisia, a Casa da Camara, o Palacio da Justiça em que está um museu das antiguidades de Frisia, e a Chancellaria, um dos monumentos mais notaveis da antiga architectura hollandesa. Esse monumento foi construido em 1571, serve actualmente de prisão.

O monumento religioso mais interessante é a igreja chamada dos Jacobinos, fundada em 1487. Pertencia outr'ora a um convento de dominicanos, mas está, desde a Reforma, nas mãos dos protestantes neerlandezes.

Leuwarden faz grande commercio de manteiga e de queijo. Vendem-se alli por anno cerca de dois milhões e meio de arrateis de manteiga e trezentos mil arrateis de queijos.

O BOM DEUS DE CHEMILLÉ

(LENDAS DE TURENA)

O prior de Chemillé ia levar Nosso Pai a um doente.

Mettia pena pensar que podesse alguém morrer em tão bonito dia de verão, em pleno meio-dia, no momento da vida e da luz.

Tambem mettia pena pensar que esse pobre prior fôra obrigado a pôr-se a caminho logo ao levantar da meza, á hora em que ia habitualmente, de breviario na mão, dormir a sua sesta dehaixo da sua latada, ao fresco, e á boa vida, n'um bonito quintalario cheio de pecegos maduros e de rosas de todo o anno.

«Senhor, seja pelos meus peccados», pensava o pobre do homem suspirando, e, montado n'um burro pardo, com o Pai do Céu adiante de si atravessando na albarda, seguia pelo pequeno caminho a meia encosta entre a rocha vermelha, toda matizada de musgos em flor, e a ladeira de pedra solta e de tojos que se despenhavam por alli abaixo até á campina.

O burro, igualmente, o pobre do burro, suspirava tambem: «Senhor, seja pelos meus peccados», e suspirava-o a seu modo, fitando ora uma orelha, ora a outra, para enxotar as moscas que o atormentavam.

É que são más e zumbidoras as moscas do meio-dia; depois a encosta a subir... e o prior de Chamillé ás costas, o prior que era pesado como o diabo, principalmente ao levantar-se da meza!...

De quando em quando passava algum camponio e desviava-se um pedaço para deixar passar o Nosso Pai, com essa chapelada especial dos camponezes de Turena: olhar malicioso, e gesto respeitoso, olhar que zomba do gesto.

O sr. prior correspondia sempre, em nome de Nosso Pai, muito polidamente, mas sem saber lá muito bem o que fazia, porque a cabeça começava a encher-se de somno.

O tempo estava quente, e a estrada branquejava com o pó. Ao fundo da encosta, por detraz dos alamos, as vagasinhas do Loire lembravam escamas de

costa, o prior de Chemillé foi arrancado subitamente da sua sonneca pelos «Hup! hup!» de um carreiro que vinha ao encontro d'elle, com um grande carro de feno que rodava por alli abaixo aos solavancos e aos saltos.

O momento era critico. Ainda que se chegassem para a rocha o mais que podessem, não havia meio

eu não posso voltar para Azay pelo atalho. Ora agora, o sr. prior que vae ali muito socegado no seu burro...

— Ó desgraçado! pois tu ainda não viste o que aqui levo? E o Pai do Ceu, mau christão, é o bom Deus de Chemillé que vou levar a um doente,

— Eu cá sou de Villandry, respondeu o carreiro



A FELICIDADE DA JOVEN MÃE.

prata deslumbrantes. Toda essa luz diffusa, esses zumbidos de abelhas que faziam cair sobre a estrada uma poeira de flores, o canto dos melros nos vinhedos, um canto feliz de animal guloso e farto, acabavam de adormentar o prior, já atordoado por um bom almoço de vinho branco e torresmos.

N'isto ao passar de Villandry, exactamente no sitio em que a rocha é mais alta e mais estreita a en-

de caberem dois no mesmo caminho... Descer outra vez até à estrada? Não o podia fazer o prior, que tomara esse caminho para ir mais depressa, e sabia que o seu doente estava á morte. Foi o que elle quiz ver se explicava ao carreiro; mas o rustico a nada quiz attender.

— Tenho pena, sr. prior, disse elle sem tirar o cachimbo da boca, mas o dia está muito quente, e

com modos de troça... Não tenho nada com o bom Deus de Chemillé... Hup! hup!... e o hereje atirou uma chicotada á parelha para a pôr a caminho, em risco de atirar com o burro de pernas ao ar, e de pespegar com elle e com tudo quanto tinha em cima nas pastagens ao fundo da encosta.

O nosso padre não era um santo. «Ah! elle é isso! espera!» E, saltando a baixo do burro, poz

muito delicadamente o Bom Deus de Chemillé á beira do caminho, n'um monte de serpol, entre as giestas de oiro e as lychnis brancas, verdadeira toalha de altar, florido e perfumado, como se não encontrassem na cathedral de S. Martinho de Tours.

Depois o santo homem ajoelhou e fez esta curta oração: «Bom Deus de Chemillé, bem vês o que me acontece e bem vês que este hereje vae-me obrigar a ferrar-lhe uma sova. Para isso não preciso de nin-

Zás! traz! Logo á primeira partiu o cachimbo nos dentes ao carreiro. Á segunda, achou-se o pobre diabo estirado no fundo da valleta, moido, envergonhado e immovel. Feito isto o prior fez recuar o cavallo da carroça, desviou-a com toda a cautella, pondo-a ao longo do talude, com a cabeça do cavallo á sombra de uma amoreira, e foi ter a trote com o seu doente, que achou sentado na cama entre os cortinados de chita, restabelecido miraculosamente da fe-

to. Por isso quando amanhecer o grande dia bem sabem, meus amigos, o que eu quero dizer — não será ao velho Sabaoth, ao sanguinario amigo de Augusto e de Guilherme, a esse Sabaoth que se compra com *Te-Deum* e missas cantadas, não será a esse que dirigiremos as nossas orações, mas sim ao Bom Deus de Chemillé e aqui está o que nós lhe diremos:

ORAÇÃO

Bom Deus de Chemillé, dirigem-se a ti os france-



O COELHO NA PAREDE.

guem, porque tenho bons pulsos, e a razão pela minha parte... Fica pois ahí muito socegadinho a ver a nossa batalha, e não sejas nem a favor, nem contra. É um instante enquanto ajustamos as nossas contas.»

Depois de rezar esta oração, levantou-se e começou por arregaçar as mangas, e mostrou logo depois das mãos, umas bellas mãos de padre, macias e polidas pelas bênçãos, dois pulsos de padeiro solidos como uns nós de freixo.

bre, e desrothando uma velha garrafa de Vouvray para se afferrar á vida. Podem imaginarr se o prior o não ajudaria na sua operação.

Ficou desde então o Bom Deus de Chemillé muito popular na Turena, e é a elle que os habitantes invocam sempre nas suas disputas: «Bom Deus de Chemillé, não sejas nem a favor, nem contra...» É o verdadeiro Deus das batalhas, esse Deus de Chemillé que não faz obsequios a ninguém, e deixa cada qual triumphar segundo a sua força e o seu direi-

zes. Bem sabes o que aquelles malandros nos fizeram... Chegou porém o dia da desforra... Para a tomar, não precisamos nem de ti, nem de ninguém, porque d'esta vez temos bons canhões, botões em todas as nossas polainas, e a razão da nossa parte. Fica-te pois ahí muito socegadinho a ver a nossa batalha, e não sejas nem a favor, nem contra. É um instante enquanto ajustamos as contas com estes patifes. Amen!

ALPHONSE DAUDET.

SPLEEN...

I

O seu palacio é de marmore branco e rosa. Está situado n'uma das grandes eminencias da cidade.

As largas janellas ogivas rasgam para cima d'um grande oceano de telhados enegrecidos pelas chuvas, eriçados de chaminés delgadas e famintas, e deixam ver a serenidade do Tejo, que rebrilha como um espelho do mais fino chrystal, á grande luz do dia que o inunda e que o rasga. E vê-se o mar ao fundo — uma fita estreita de setim azulino — confundindo-se com o horizonte — uma saphira que se volatilizou ha muito...

Ferem duas horas. No quarto da condessinha o sol entra a médio, coado pelos stores de setim cor de rosa.

Da cidade vem até aqui o ruido confuso dos trens que rolam eternamente sobre as calçadas asperas. E de quando em quando um pergão chorado estende-se pelo ar quieto e luminoso, como um lamento de pobre...

Na casa fluctua a luz cor de rosa dos stores, uma luz feérica e mysteriosa, onde perpassam gargalhadas finas de satyros em bom estado, e risos chrystallinos de deusas virginaes...

Do grande leito torneado apenas se vêem as largas cortinas de Bruxellas, caindo em dobras principescas, suaves e harmonicas; e no tapete rutilante uma chinnella de setim dormita socegada, sonhando no mysterio voluptuoso d'um baile.

Na rua um cornetim ladra umas velhas arias italianas. É um rapazito loiro, gordo, esfarrapado, com quem o sol brinca nas manhãs frias de janeiro, e que todas as tardes ali passa, defronte do palacio. É um napolitano vivo, com uma physionomia contente e satisfeita, que anda por esse mundo de Christo vivendo á custa do seu metal sonoro.

É bonito vê-lo impar as suas bochechas rosadas, como as d'um Amor carnudo de Perrault, soprando com entusiasmo no bocal do cornetim, e tendo mais amor á sua musica infernal, do que Rossini á melhor das suas partituras.

As criadas da condessinha gostam muito d'este gaiatito alegre que ali passa todas as tardes, ás duas horas, com os seus sapatos grosseiros, enlameados, e as pernas enlaçadas em fitas vermelhas. E a Julieta, uma de vinte annos, uma loira de perfil recortado e fino, como as *soubrettes* de Rochegrosse, paga-lhe a musica atirando-lhe com maçãs e com laranjas.

Afastam-se as cortinas magestosas do antigo leito torneado...

Um braço nú, d'uma brancura lactea, suavemente acarminado, estende-se sobre a mesa de xarão, onde uma begonia expõe, d'um vaso de porcelana, as suas florescencias rosadas. E sente-se o som claro e vivo d'uma campainha de prata, nervosamente agitada.

Uma voz occulta exclama:

— Maldito garoto! que me não deixas dormir!

E momentos depois Julieta, calça uma fina meia de seda azul, n'um pé pequenino, nervoso... n'um pé que do leito desce por entre as brancuras suaves, immaculadas, dos caros lençoes de Bretanha...

II

No quarto mysterioso e perfumado da deliciosa condessinha, a campainha toca.

Da alvura quente e macia do travesseiro uma cabeça negra, uma bella cabeça de peninsular, de far-

tos cabellos d'azeviche, ergue-se um pouco, e uma voz argentina vibra na doçura do ambiente.

— Que horas são?

— Quatro, minha senhora.

— Tão tarde! E eu que tencionava estar na Aline, ás trez... Então o garoto não veio hoje cornetear defronte das janellas, aquelle maldito garoto? Costuma vir ás duas horas...

— Não minha senhora. Foi hontem pisado por um trem, o infeliz! e levaram-n'o em maca para o hospital. Era tão engraçado, o rapazito! Tem a cabeça quasi toda esmagalhada!...

— Cale-se, Julieta! Não se lembra dos meus nervos!

Defronte do largo espelho de Veneza, o corpo velado por uma camisa de baptiste, d'onde surgem, triumphantes, as bellas espadas eburneas e mornas, a galante condessinha apanha o cabello preto, tão preto, que mais parece roubado a uma noite profunda e silenciosa sem o scintillar d'uma estrella.

Depois, despindo-se toda, vibrante como uma andorinha medrosa, a condessinha entra para a branca tina de marmore.

As flôres inclinam-se dos vasos de crystal para a vêrem; curvam-se das suspensões as grandes folhagens tropicaes; a atmosphera muda, espreita e admira; os perfumes abraçam-n'a; e um canario, da sua gaiola chinesa, entorna-lhe nos tumidos seios uma aria palpitante d'amor.

A agua perfumada e fria espera-a anciosa, e ao sentil-a dentro em si — aperta-a n'um beijo amplo e ruidoso.

E a mãe da condessinha, n'um aborrecimento feroz, que Lubin suavisa e torna divinal, pensa vagamente, saboreando a sua idéa infame:

— Durante dois mezes, só hoje dormi á minha vontade... Se o garoto do cornetim... morresse! Era tão bom para mim!...

E cerrando lentamente as palpebras macias e transparentes, a sua bonita cabeça preta afundou-se toda na agua, d'um sensualismo frio e irritante, ficando apenas a boiarem uns laivos do cabello d'azeviche, como os sete cadaveres que seguiam a barca silenciosa da condessa Palatina...

Um esguio Mephistopheles de bronze, petulante e sensual, sorria bandalhamente, no marmore do fogão!...

MARIANO PINA.

O DOMINGO HISTORICO

2 de outubro de 1831 —

Morte de José Agostinho de Macedo

O conhecido escriptor portuguez cuja biographia vamos apresentar resumidamente hoje n'esta secção do *Jornal de Domingo*, nasceu em Beja a 11 de setembro de 1761. Seguindo a carreira monastica entrou na ordem dos eremitas de Santo Agostinho ou frades da Graça, em novembro de 1778, e começando desde logo a praticar toda a casta de travessuras e d'actos reprehensíveis com o maior escandalo, esteve repetidas vezes preso nos carceres da ordem, foi transferido de convento para convento e por fim expulso, sendo-lhe arrancado o habito em reunião plena da communidade e posto fóra do convento da Graça fechando-se sobre elle as portas d'essa casa religiosa, no dia 18 de fevereiro de 1792. José Agostinho não soffreu callado essa pena ignominiosa, intrepidez quantos recursos pôde e não só conseguiu que

a sentença não tivesse effeito nos tribunales civis, mas até alcançou do papa um breve de secularisação passando a ser presbytero secular.

Dedicando-se então ao ministerio do pulpito adquiriu como pregador grande reputação, e entrando depois na vida litteraria escreveu um grandissimo numero de obras de generos mui diversos, em algumas das quaes revelou o seu talento e variados conhecimentos, ao passo que em muitas outras dominado pelo seu genio atribiliano, pelo seu excessivo amor proprio e pela paixão partidaria se rebaixou em extremo insultando desbragadamente os seus rivales litterarios e os seus inimigos politicos.

Como poeta a parte mais curiosa da sua carreira é, sem duvida, a sua lucta vaidosa com Camões. José Agostinho de Macedo pertencia á escola poetica dos imitadores á outrance dos gregos e dos latinos, e por isso olhava com desdém para as obras do nosso grande poeta, e passou-lhe pela mente a arrogada idéa de tratar segundo o seu methodo o assumpto que o grande Camões immortalisara.

Em 1811, publicou a sua primeira tentativa, o poema *Gama* e depois em 1814, cobrando audacia, refundiu essa obra, accrescentou-lhe mais dois cantos e imprimiu o *Oriente* precedido de um discurso preliminar, em que pretendia mostrar os defeitos dos *Lusiadas*.

O *Oriente* levantou grande tempestade, muitos escriptores tratavam de castigar a audacia do frade, este não se calou, e por fim, em 1820, publicou a *Censura dos Lusiadas*, que é a sua obra mais tristemente celebre, é um complexo de paradoxos e de contradicções flagrantes.

Uma outra lucta em que o atrevido frade se empenhou com todas as suas forças, foi a que teve com Bocage e que, durando uns poucos d'annos só terminou quasi á hora da morte d'Elmano. D'essa guerra crudelissima, em que Bocage tinha grande vantagem sobre o seu rival, nasceu a esplendida satyra *Pena de Taleão*, com que Manoel Maria respondeu a uma outra satyra, que José Agostinho contra elle escrevera.

Como poeta deixou ainda José Agostinho muitas outras obras, taes como os poemas a *Meditação* e a *Viagem extatica ao templo da Sabedoria*, que tem varios trechos de incontestavel merecimento, os *Burros* que é o mais virulento e mais desbragado poema, que existe em portuguez e muitas outras composições que seria longo enumerar.

Para o theatro escreveu tambem grande numero de peças, mas na sua carreira dramatica foi tambem infeliz e sendo algumas das suas comedias verdadeiras satyras pessoases, d'ahi se originaram diversos conteúdos litterarios, que José Agostinho sustentou com varios escriptores, desabafando n'uma enorme quantidade de folhetos e opusculos dirigidos contra os seus adversarios.

Depois da revolução de 1820, aproveitando-se da liberdade d'imprensa inaugurada pelo novo systema de governo, o secundo e violento escriptor entrou nas questões politicas com o seu ardor costumado e nos jornaes da época e nos folhetos avulso flagellou implacavelmente as doutrinas liberaes e os homens que as tinham abraçado.

Quando em 1826 se restabeleceu o systema constitucional, José Agostinho voltou novamente á lucta e foi então que escreveu as suas celebres *Cartas a Joaquim José Pedro Lopes*, que tiveram um grandissimo exito, vendendo-se a ponto de ser necessario reimprimir tres vezes as primeiras.

Restaurado o absolutismo José Agostinho poz ao ao serviço do infante D. Miguel todo o seu talento e

toda a virulência da sua índole, escrevendo elogios dramaticos, versos em louvor do rei absoluto, sustentando os direitos d'este em jornaes e em folhetos, e dirigindo os mais violentos ataques contra os que seguiam a causa constitucional. Entre os escriptos do ex-frade gracião n'essa epoca distingue-se principalmente o periodico a *Besta esfolada*, que é talvez o mais celebre e o mais ignobil dos seus pamphletos, mas que tinha uma venda de 4000 exemplares, o que era verdadeiramente espantoso para o nosso paiz n'esse tempo.

José Agostinho de Macedo tinha grande ambição de obter uma mitra, mas apesar do muito desejo, que o infante tinha de lhe premiar os serviços, a relaxação de costumes d'este acerrimo defensor do absolutismo era tal, que ninguém se atrevia a dar-lhe um bispado nem a curia romana confirmaria de certo a nomeação.

Depois de uma vida activissima e durante a qual imprimiu nada menos de 312 obras e escreveu muitas outras que ficaram ineditas falleceu José Agostinho de Macedo, em Pedrouços, no dia 2 de outubro de 1811, sendo depois o seu cadaver sepultado no convento das freiras do Rato.

A. O.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 256)

XVII

Este não perdia um só bocado. Comia, saboreava, dava estalinhos com a bôca, não obstante a grande falta que o sal fazia aos alimentos.

— Sobre tudo, não esqueçamos o chá, exclamou elle depois de já estar mais confortado do estomago. Chá para a doente... e para nós.

Havia tres dias que os fugitivos se tinham visto livres da escolta de cossacos, e não tinham tomado cousa alguma quente depois da partida da yurte de refugio...

A recommendação do chá feita pelo chaman foi favoravelmente recebida pela feia donzella casadeira, que fez um gesto significativo: ella encarregou-se de o preparar, e o chá havia por força de ser bom!

O sr. Lafleur percebeu então que a mulher trazia por cima das calças de pelle de renna e por baixo os seus Ramley, uma immensa crinoline. Essa crinoline, que esteve tanto em moda entre nós, ha já muitos annos, devia dar a volta em roda do mundo...

Chort appareceu á porta.

— E os cães! perguntou elle.

Os cães ladravam lá fóra — como se adivinhassem que eram excluidos do festim.

— Vamos dar-lhes o peixe destinado para os nossos, disse a mulher de Metek, para os não fazer es- perar.

Chort teve ordem de levar o caldeirão, que fervia sobre o tchuvale.

Wob andava á roda da meza apanhando um bocadinho da direita, outro da esquerda.

— Não de dormir aqui, disse a velha aos fugitivos.

Yermac mal tocava nos alimentos que tinha deante de si. Com a cabeça nas mãos, os cotovellos encostados na meza, estava engolfado em profunda meditação. A nenhum representante da lei e da autoridade tinha jamais acontecido uma aventura mais singular, mais extraordinaria. Ser forçado pelas circumstancias a compartilhar as aventuras e desgraças de uns rebeldes, contra os quaes haveria mister pro-

ceder rigorosamente. Seria chegado o momento de romper o pacto de cumplicidade, que já durava tanto? E os seus compromissos? Mas um magistrado pode estar ligado, por qualquer laço, a malfeteiros, e, sobre malfeteiros, presos evadidos? Se por ventura Metek entrava na aldeia, na sua qualidade de chefe da tribu poderia o chefe de policia recorrer a elle? declarar que estava coacto? pedir, n'uma palavra, auxilio para levar os fugitivos até Sredné — Kolimsk — pequena povoação composta de umas trinta casas — onde se encontraria força mais que bastante para assegurar o triumpho e a observancia da lei?

XVIII

Pelo meio do dia, o tempo mudou repentinamente; por detraz das collinas, cobertas de mato, que os viajantes deixavam á direita, erguiam-se vapores esbranquiçados. Eram os signaes precursadores de uma tempestade, de uma «purga» tempestade particular das regiões siberianas e dos maiores obstaculos ás viagens de inverno atravez das solidões de neve. Á similitude do «norther» das latitudes meridionaes, a purga sobrevem muitas vezes sem nenhum indício anterior, e passa durante uma semana por phases successivas de violencia e de furor.

Ordinariamente aquella especie de tempestade não traz queda de gelo, mas é caracterizada por immensas trombas de neve, que o vento arranca ás planícies, aos tundras. A neve é transportada para longe em nuvens espessas e suffocantes, que não permitem ver a quatro passos de distancia. O ar fica litteralmente obstruido por flocos muito densos, que dentro de alguns segundos formam, porque assim digamos, uma parede em cima dos olhos e do nariz. A força do vento não deixa que ninguém se conserve de pé. Caminhar ávante com semelhante tempo é cousa, em que nem se deve sonhar, e o desgraçado colhido por uma d'essas tempestades tem um só recurso: embrulhar-se nas suas pelles e abafos, esconder-se atraz do trenó e, tiritando, transido de frio, esperar dias e noites compridas que amaine o vento. Se lhe faltam os viveres antes de chegar a hora de redempção, é de todo em todo inutil qualquer esforço para escapar á morte; a tormenta impetuosa abafa os gritos, com que pretender imploorar soccorro. Consumido pelo frio, pela fome e pelo cansaço, cabe prostrado sobre a neve, cujo lençol branco indicará por uma pequena ondulação o lugar de seu eterno repouso.

A nuvem negra, que durante uma hora esteve pairando no horizonte, estendeu-se rapidamente para oeste e envolveu em vapores escuros os derradeiros clarões do crepusculo arctico. O vento, carregado de mugidos rouquinhos trazidos das montes e planícies de gelo do mar Polar, cahiu precipitadamente sobre a planicie levantando turbilhões de neve, que se dirigiam como grandes phantasmas por entre a escuridão para o grosso da tempestade, que avançava ameaçadora.

Yegor ainda bem não tinha dado ordẽm para que as duas nortas se approximassem, desatou o furacão sobre os fugitivos. Todos os ruidos se perderam no roncar da tormenta, e os flocos da neve absorviam o ar, enchiam o vacuo, cortando a respiração.

Yegor e Nadege já nem poderam ver os cães, que puxavam a norta, e soppuzeram que o segundo trenó, em que vinham Yermac e o sr. Lafleur, não podia segui-los. Effectivamente passaram-se dez, quinze minutos sem verem chegar ou approximar-se os companheiros. Então Yegor deu tiros de pistola, ordenou a Tekel que voltasse atraz quanto pudesse,

mas o yakute voltou logo dizendo que se não via nada a dois passos, e que nem se percebiam os vestigios das rodas.

Yegor quiz esperar, e recommendou a Nadege e a Ladislau que se apeiassem e se abrigassem por detraz da norta. Esta porém era fraca barreira contra os elementos desencadeados por tal forma. A pobre rapariga e o irmão adoptivo difficulosamente podiam respirar pondo a cabeça quasi no chão.

A obscuridade tornava impossivel o emprego da bussola, de sorte que Yegor já não sabia onde estava. E ainda que elle pudesse reconhecer o caminho, de que serviria isso? Era força obedecer á vontade do vento, que, soprando com espantosa impetuosidade, só deixava caminhar no sentido da sua direcção. As trevas brancas tornavam-se cada vez mais densas, mais opacas. De repente um grito meio abafado, um clamor desesperado partiu do meio do turbilhão.

— Sr. Lafleur! Sr. Lafleur! gritaram ao mesmo tempo Yegor, Nadege e Ladislau.

O contorno indeciso de uma norta passou por deante d'elles, com uma velocidade vertiginosa, como que arrebatada por um remoinho.

— Para o trenó! ordenou Yegor, e sigamos a norta do nosso amigo.

O vento era de uma extrema impetuosidade. Revolvía a planicie, produzindo um rumor estranho, uivando como uivam os lobos. Tekel não teve necessidade de excitar os cães, os pobres animaes partiram como desesperados.

— Segura-me bem, exclamava Nadege aproximando-se de Yegor, o vento parece que me leva.

Depois de uma hora de carreira medonha — uma hora que lhes pareceu um seculo! — os fugitivos perceberam que penetravam n'uma floresta, cujas arvores muito altas oppunham um obstaculo aos ventos desencadeados e ao seu sopro glacial. Perguntaram a si mesmos porque milagre viviam ainda. Deante d'elles estava a norta do parisiense enclachada n'um pequeno bosque, transformado pela neve em branco recife.

— Sr. Lafleur! gritou Yegor.

— Presente! respondeu o mestre de dansa.

— Olhe que escapou de boa, sr. Lafleur, acrescentou Yegor Semenoff; pensei que tinha de pôr luto pelo meu amigo.

— Ah! parecia o fim do mundo... dizem os sabios que havemos de morrer de frio... Eu cá estou á prova d'elle.

O yakute Tekel tinha apanhado uns ramos de pinheiro, o que largou fogo.

Os ramos inflammados crepitaram. Os fugitivos deram um grito de contentamento ao tornarem a ver claridade, fogo; correram a aquecer-se, cobertos de neve, sem se poderem conhecer. Yermac fazia caretas extraordinarias!

— Ladislau!... Onde está Ladislau? perguntou Nadege procurando com os olhos o pequeno polaco.

E Ladislau não respondia. Fora precipitado do trenó por uma das rajadas mais fortes.

Yegor chamou Wab. Atou-lhe a lanterna ao pescoço, e pronunciando repetidas vezes o nome de Ladislau, enviou-o em busca do pequeno. Ao cabo de uma hora Wab voltou só! O animal tremia de frio; as patas ensanguentadas eram prova de que o fora procurar muito longe, mas em vão. Tinha regressado á floresta para não morrer extenuado.

Nadege soluçava balbuciando o nome de seu irmão adoptivo. Yegor e o sr. Lafleur, silenciosos, afflictos, pensavam no desgraçado rapazito perdido na planicie gelada, lutando nas trevas contra um ven-

to furioso e glacial, cego pelo gelo. O proprio Yermac commoveu-se com a dor dos fugitivos, e quiz dar-lhes uma esperança, que elle não alimentava á cerca da infeliz creança.

Os dois Yakutes prepararam uma pousada excavando a neve. Ahi se estenderam as roupas mais quentes, e refugiaram-se todos á espera da bonança.

Os cães, tirados das nartas, deitaram-se no gelo, em que faziam covas para se aquecerem. Por ordem de Yegor, accendeu-se outra fogueira nolimite da floresta, para que Yegor pudesse guiar-se pelo clarão, e vir ao encontro dos entristecidos companheiros.

XIX

Quando a quadrilha dos ladrões de ouro, de que

pequenas barras nas ferraduras dos cavallos ou, melhor ainda, no ventre de grandes peixes, transformando-se, conforme as circumstancias, em negociantes ou pescadores.

O alarme espalhado por Yermac no meio dos cosacos produziu nas estações da margem esquerda do immenso rio asiatico uma dupla vigilancia. Além d'isso, quando se trata da fuga de um deportado, nenhum meio esquece de lhe cortar o caminho; o governo russo poria em movimento, se fosse preciso, um exercito para prender um só homem. Isto tem o fim principal de evitar outras tentativas do mesmo genero...

Os salteadores capitaneados por Dimitri viram-se obrigados a mudar de itinerario e a renunciar por

leiros americanos; mas o receio de encontrar navios russos n'aquelle mar interior e todo moscovita, fizeram-no abandonar o projecto.

Os ladrões do ouro podiam sair mais facilmente da difficuldade, misturando-se com os negociantes e — promichleniks — e essa era, effectivamente, a sua tenção.

A ultima façanha da quadrilha tinha sido o roubo da mala que parte todos os mezes de Ajan — estação do districto de Okhotsk fundada em 1848 por uma companhia russo-americana de pelles.

São expedidas mensalmente por esta mala uma duzia de cartas, pouco mais ou menos; as cartas são confiadas a um correio, que leva dez dias para chegar a Yakutsk, andando noite e dia. Durante o in-



VISTA DE LEUWARDEN.

fazia parte o filho de Yermac se afastara das circumvisinhanças da floresta de Ostrovoy, deixando por morto o chefe de policia, Dimitri tomou o commando.

O rapaz não mentia quando affirmava ao pae que não tinha manchado as mãos com o assassinio do major Dobron e da creada, nem com o do russo Kaboroff. A quadrilha, a que estava ligado, tinha-se desagregado muitas vezes, e do antigo grupo sobre o qual pesava a accusação dos homicidios, só restava agora o chefe Hoskintine, morto por Yermac com um tiro.

Os outros — embora companheiros — só tinham a remorder-lhes na consciencia os meios pouco delicados, que empregavam para obter o ouro subtrahido pelos operarios mineiros. Esse ouro faziam elles entrar na China pela fronteira do Amor, empregando umas vezes a astucia, outras a força contra os cosacos encarregados de fiscalisar as margens do rio. Esecundiam o pó do ouro em pães, introduziam-n'o em

algum tempo á passagem do Amor. Dirigiram-se para o golfo de Penjinsk, situado na extremidade mais septentrional do mar d'Okhotsk. Para chegar a esse ponto contavam atravessar os Stanovoi subindo o Omolone até a nascente.

Muniram-se nas aldeias yakutes de varias nartas e rennas, e já tinham chegado aos contrafortes dos grandes montes Stanovoi de pinheiros escaldados e cobertos de neve. Não hesitaram em embrenhar-se no meio d'aquellas terriveis montanhas, d'onde raras vezes consegue sair quem se aventura a percorrer os seus escuros e inextricaveis labyrinthos.

Yegor tivera tambem, por um instante, a ideia de seguir aquelle caminho. Sabia, graças ás informações que ponde colher, que todos os verões os indigenas e os metis russos, habitantes das margens do mar d'Okhotsk, reuñem-se n'uma aldeia chamada Tchimikan, na embocadura do Uda, para permutarem pelles, carne fresca, peixe, por bebidas espirituosas, tecidos de algodão, e tabaco trazido pelos ba-

verno, faz-se o trajecto em nartas puxadas por parellhas de rennas. No verão substituem-se as rennas por cavallos. O caminho postal liga Yrkutsk, capital da Siberia oriental com o Kantchatka. O roubo da mala nenhuma vantagem podia trazer aos salteadores sibirianos; dava-lhes porém occasião de affirmar o seu estado de rebellião contra as leis e a auctoridade.

(Continua)

EXPEDIENTE

Não tendo sido gravados a tempo o enigma e problemas que compunham a secção HORAS D'OCIO, não podemos publicar n'este numero a referida secção — o que faremos no proximo domingo, conjunctamente com as soluções dos numeros 31 e 32.

Adiamos tambem para essa occasião a CORRESPONDENCIA que por falta de espaço não pôde sahir no presente numero.